

Pessoal discente

P: De uma forma sucinta, faça, por favor, uma apresentação de si próprio. Há quantos anos estuda nesta escola? Porque razão estuda nesta escola?

R: Tenho 16 anos e frequento o 7º grau de Piano. Vivo a cerca de 10km de distância da escola. Escolhi esta escola porque tinha gosto pelo instrumento que estou a estudar e porque na minha localidade não tinha oportunidade de o fazer. Passado um ano ou dois instalou-se lá um curso de música mas eu decidi continuar nesta academia. Na escola secundária frequento o 11º ano na área de científico- natural. Ainda estou indeciso quanto ao futuro. A música é um gosto que eu tenho mas não tenho a certeza se vou continuar. Acho que vou fazer o 8º grau e depois parar mas, um dia, pretendo retomar. Estou, como disse, bastante indeciso.

P: Considera-se um aluno activo e interventivo na vida da escola? A escola permite-lhe intervir assiduamente ou os espaços de intervenção são limitados?

R: Poderia ser mais mas como tenho outras ocupações não dedico muito tempo à escola. Venho à escola três dias por semana porque tenho muitas disciplinas. A minha participação dá-se mais nas disciplinas que frequento. Participo em audições mas este ano até nem participei muito porque estou a preparar-me para exame o que me obriga a concentrar o estudo nessa direcção.

P: A escola tem devidamente constituída uma associação de estudantes? Considera importante existir uma associação de estudantes?

R: Que seja do meu conhecimento a escola não tem associação de estudantes devidamente constituída. É pena porque com a associação de estudantes os alunos passavam a ter uma voz mais activa, voz que agora não existe. Há assembleias para os pais mas os alunos não têm onde emitir opinião.

P: A participação dos estudantes nos órgãos de direcção e gestão da escola não poderia contribuir para dar voz aos alunos e aumentar o grau de democraticidade da escola?

R: Em princípio sim. Como disse, os alunos não têm um espaço onde possam exprimir a sua opinião. Se a escola existe é porque há alunos. Os alunos deveriam poder manifestar os seus interesses e serem mais ouvidos. Isso poderia contribuir para que a escola se abrisse mais e

tivesse mais qualidade. Não podem ser só os professores a definir o que deve ser a escola, já que os pais pouco se interessam pela escola.

P: Conhece os órgãos de direcção e gestão da escola e as pessoas que os constituem?

R: Conheço vagamente.

P: Em sua opinião quem define a estratégia da escola, o director pedagógico/direcção pedagógica ou a direcção administrativa? Quais destes actores reúne maior poder?

R: Não tenho disso grande ideia também porque recentemente houve algumas mudanças na escola. Eu parece-me que a minha professora de piano será a pessoa mais influente, ela é da Direcção Administrativa. Não tenho também uma ideia muito formada porque passo pouco tempo na escola e o tempo que passo é nas aulas. É com esta professora que mais contactos tenho.

P: A nível pedagógico como avalia a escola? É uma boa escola ou o que é que lhe falta para ser uma boa escola?

R: Acho que esta escola é uma boa escola, tem uma boa organização. Há contudo aulas onde nem tudo corre tão bem, onde não me sinto tão bem. O professor não suscita muito a participação dos alunos e as aulas são pouco dinâmicas, mas é só isso. As infra-estruturas são boas é uma escola completa. Tem um bom auditório para as audições. Há, como disse, alguns professores um pouco ultrapassados nos métodos. Estou satisfeito com a maioria das aulas, são activas, os professores são dinâmicos, ouvimos música.

P: Sempre que precisa de resolver algum assunto/problema na escola a quem se dirige preferencialmente?

R: Nunca tive nenhum problema que precisasse de recorrer a alguém mas se precisasse falava com a minha professora de piano.

P: Se necessitar de contactar com o director pedagógico/direcção pedagógica da escola é simples fazê-lo?

R: Sim e sendo professores há uma maior à-vontade. Mesmo administrativamente é mais fácil abordar as pessoas quando são professores pois conhecemo-las melhor. Torna-se mais complicado quando as pessoas são exteriores à escola.

P: Se já propôs algum assunto à direcção da escola de interesse para a vida da escola a sua proposta foi tida em consideração?

R: Só tem que ser bem aceite para o desenvolvimento da escola. Das ideias de todos beneficia a escola. Pessoalmente não tenho tido uma grande intervenção mas há colegas que apresentam ideias e elas são bem recebidas.

P: Considera haver na escola um ambiente favorecedor de práticas democráticas em que a participação dos diferentes actores na definição das políticas educativas é correntemente solicitada?

R: Se houvesse associação de estudantes seria mais fácil participar. Com as alterações que aconteceram recentemente registou-se uma maior abertura. Os professores convivem com os alunos e é mais fácil apresentar as nossas ideias. No entanto, não tem sido pedida a nossa opinião relativamente ao que se pretende desenvolver na escola.

P: A participação de actores externos na vida da escola, como pais e outros elementos da comunidade, tem trazido vantagens ou aumentado a conflitualidade interna?

R: Se for uma participação consciente é favorável, se as pessoas quiserem impor ideias pode tornar-se prejudicial. Os meus pais porque são muito ocupados não participam muito na escola. Eles gostam e apoiam-me mas a vida profissional não lhes permite uma presença tão assídua. É mais a minha avó que me acompanha. A escola também se abre para o exterior pelas audições e concertos que realiza e nestas actividades as pessoas participam, não só os pais mas também outras pessoas.

P: Na sua opinião quem sabe mais da vida da escola, sobre os alunos, os professores, os pais, etc.?

R: Como já disse, dentro das pessoas que mais conheço e convivo, a minha professora de piano talvez seja a pessoa mais indicada, mas há também outras professoras que são influentes: a Directora Pedagógica que nunca foi minha professora, a professora de Formação Musical que, no fundo, são as mais antigas da escola. Pelo que observo estas são as pessoas com mais carisma na escola e que têm mais influência.

Muito obrigado pela sua colaboração!

Agostinho Vieira, Junho/2003